

Augustinismo e Franciscanismo no sermão do nono domingo depois de Pentecostes de Santo António de Lisboa

«E como na quadriga há quatro rodas, assim nesta obra se versam quatro matérias a saber, os Evangelhos dos domingos, factos históricos do Velho Testamento, tais-quais se lêem na Igreja, os Intróitos e as Epístolas da missa dominical; estas leituras concordei entre si, segundo o que me concedeu a graça divina e consentiu a pequenina veia da minha ciência pobrezinha, recolhendo com a moabita Rute, no campo de Booz, por detrás dos ceifeiros, as espigas deixadas.»

Do Prólogo Geral dos Sermões

— Uma das questões mais fascinantes e polémicas em torno de Sto. António é a da filiação espiritual e doutrinal do Santo português.

Convertido ao franciscanismo no verão de 1220, a partir dessa data seguiu uma vida itinerante de pregação como frade menor. Contudo, se bem que, mais do que os ensinamentos teóricos, a vivência espiritual do ideal franciscano tenha moldado não só a sua vida mas também a sua pregação, é inegável que muito do que o Santo foi e disse se forjou em terras portuguesas. Particularmente em Sta. Cruz de Coimbra onde com os cónegos regrantes viveu à luz da espiritualidade agostiniana.

A sólida formação cultural adquirida por Sto. António em Sta. Cruz é um facto já bastante comprovado¹. No entanto a formação adquirida nesse mosteiro não se pode reduzir à aquisição de amplos conhecimentos. A presença de Sto. Agostinho quer através da *regra*² vivida por todos os cônegos quer através da influência dos próprios textos agostinianos, deixaria marcas profundas no Santo.

É deste confluir de duas espiritualidades, uma já antiga outra ainda nascendo que gostaríamos de tratar aqui, tomando como campo de observação um sermão de Sto. António: o do nono domingo depois de pentecostes³

Trata-se de um sermão dirigido aos prelados, onde a temá-

¹ F. GAMA CAEIRO, *Santo António de Lisboa*, I, Lisboa 1967, 96, escreve a este respeito: «...o predomínio dos textos patrísticos, e muito especialmente agostinianos, a relevância da lição escriturística e dos seus comentadores, o cumprimento das prescrições do Ordinário sobre a leitura da Sagrada Escritura e do leccionário, a adopção de orientações vitorinas consagradas na obra de Hugo e de Ricardo, o cunho mais acentuadamente monástico da espiritualidade dos cônegos, a cultura humanística medieval que transmitia clássicos gregos e latinos, parenética — podem ainda agora, pelos códices e testemunhos coevos que nos ficaram, ser satisfatoriamente comprovados. Mais ainda: será possível defender a essa luz, que as fontes literárias e doutrinárias patentes na obra antoniana — Agostinho, Gregório, Jerónimo, Isidoro, Pedro Conastor, Flávio Josefo (Senécia, Aristóteles...), o poeta (Virgílio) — e bem assim as principais concepções do Santo, encontram apoio textual e justificação suficiente em obras que, ao tempo, os cônegos regrantes de Coimbra já possuíam.»

² *Ibid.*, 23 escreve sobre a *regra de Sto. Agostinho*: «A primeira e máxima exigência era a de uma perfeita comunhão espiritual e de bens, à maneira das primitivas comunidades cristãs de Jerusalém, seguindo o exemplo dos Apóstolos. Entre as virtudes que os cônegos (do latim *canonicus*, de *regra*) haviam de cultivar avultavam, além da indispensável obediência a humildade e a caridade. Podia mesmo dizer-se que eram estas duas últimas virtudes a base fundamental da espiritualidade dos regrantes. A humildade tem na *regra* o lugar mais importante, pois ela é, com a oração, a condição da própria caridade, podendo até resumir-se nisto: é o caminho por excelência que conduz à perfeição.»

³ Seguimos a edição ANTÓNIO DE LISBOA, S., *Obras Completas*, intr. trad. e notas por Henrique Pinto Rema, O.F.M., Lisboa 1970. Para a vida do Santo cf. F. FELIX LOPES, *S. António de Lisboa, doutor evangélico*, Braga 1983,

tica moral é predominante. Daí a intenção da escolha, pois neste domínio os contrastes e as diferenças serão mais evidentes.

Da polissemia do sermão destacamos três temas fundamentais: o tema da pobreza, o tema dos prelados e finalmente um tema especificamente antoniano.

1. A POBREZA

1.1 A NOÇÃO DE POBREZA

Sto. António aborda a questão da pobreza ao longo de todo o sermão. No entanto é possível destacar as passagens mais significativas e explícitas embora correndo o risco de ao apresentá-las isoladamente se perder a margem de significação que lhes é dada pelo contexto:

«Este homem rico é Jesus Cristo; homem pela humanidade; rico pela divindade. Dele escreveu Salomão nas parábolas: *O rico e o pobre encontram-se; o Senhor criou-os a ambos*. O pobre simbolizado na natureza humana, e o rico, na divindade, reuniram-se em Cristo, para que o homem pobre fosse absolvido, preso como estava de penas e culpas. Acerca das riquezas deste homem rico, refere-se nas Parábolas: *Na sua direita está uma larga vida, e as riquezas e a glória na sua esquerda. Os seus caminhos são caminhos formosos e são de paz todas as suas veredas*. Direita, no étimo latino, quer dizer dar fora, e esquerda, deixar fora. A esquerda e a direita de Jesus Cristo são os dois adventos: o primeiro designa-se na esquerda e o segundo na direita. No primeiro teve Cristo as riquezas da pobreza e da humildade. Expô-las em nossas feiras, para que as comprássemos. Sem elas não poderíamos enriquecer.»⁴

«O pecador, ao considerar todos os bens temporais, ao ver que esta vida lhe está a acabar, trata mais de adquirir amigos do que de reunir riquezas, entendendo que, depois desta vida, não lhe resta lugar para resolver a terra do seu espírito com a enxada da compunção devota e produzir fruto.»⁵

Se alguma coisa tens a dar, debes dar ao parente, não por ser parente mas por ser pobre. Acautela-te, pois, de meter o património de Jesus Cristo na arca das esmolas, porque são

⁴ *Ibid.* 157.

⁵ *Ibid.* 161.

preço do sangue. Não dê, portanto, sangue ao sangue, mas dá ao peregrino e ao pobre. Para sepultura, com o preço do sangue do Senhor, foi comprado o campo Haceldeme, isto é, a Santa Igreja, cujos bens não pertencem aos ricos mas aos pobres.»⁶

«Os filhos deste século julgam estar de pé, mas uma vez tirado o bordão de cana das riquezas, em que se apoiam, cairão no inferno, e então conhecerão que os filhos da luz são mais prudentes do que os filhos deste século.»⁷

«Amigo, que no étimo latino quer dizer como que guarda do ânimo, vem de amar. Amizade é a vontade de fazer bem a alguns e de obedecer à vontade. Os ricos deste mundo, que ajuntam com prendas as riquezas da iniquidade, isto é, da desigualdade, não têm nenhuns amigos mais vizinhos (se bem o conhecem) do que as mãos dos pobres, são o gozofilácio de Cristo. S. Gregório traz: Para que os ricos encontrem na mão alguma coisa depois da morte, diz-se-lhes antes de morrerem em que mãos devem colocar as riquezas. O rico, dá a Cristo daquilo que te deu. Tiveste um benfeitor, arranja um devotor; por favor, estende a tua mão ao pobre, possui um usurário. O rico estende ao pobre a tua mão seca, e ela, que antes era seca pela avareza, florescerá pela esmola.»⁸

«Acertadamente se compara o gafanhoto ao pobre, porque, assim como o gafanhoto, entorpecendo no tempo frio, perde as forças, mas ao sobrevir o calor, como que se alegra e salta, também o pobre, em tempo de fome, perde as forças com o frio da necessidade, enregela-se-lhe o corpo, empalidece, mas, ao sobrevir o calor do benefício do dom da esmola, retoma forças e dá graças a Deus e ao doador do benefício recebido.»⁹

«Fazei-vos, portanto, ó ricos, amigos dos pobres, recebei-os nos vossos tabernáculos, para que, quando vos faltar a mármore da iniquidade (quando vos tirarem toda a palha temporal), vos recebam nos tabernáculos eternos, onde há a formosura da paz, a confiança segura, o descanso opulento da saciedade eterna.»¹⁰

⁶ *Ibid.* 166.

⁷ *Ibid.* 172.

⁸ *Ibid.* 173.

⁹ *Ibid.* 173/174.

¹⁰ *Ibid.* 175.

Retiramos destes textos que a pobreza nunca é considerada como um valor subsistente e autónomo. Dir-se-ia que o valor da pobreza não se limita ao seu exercício mas antes àquilo a que ela conduz ou provoca. Assim o tema da pobreza surge intimamente ligado ao tema da humildade, da amizade e da caridade. O primeiro como se fosse o seu complemento, os segundos como se fossem a sua consequência ou até a última finalidade. É curioso notar que numa das passagens o Santo identifica a iniquidade com a desigualdade o que nos leva a concluir que não era propriamente contra a posse dos bens que ela se insurgia mas contra a usura e a avareza que impedindo o exercício da caridade impediam também uma maior harmonia social na repartição dos bens.

Aliás noutra passagem não menos significativa o Santo diz:

«Dois são os caminhos e duas as veredas de Jesus Cristo. O primeiro caminho foi desde o Pai à mãe; e este caminho chama-se o da caridade(...) O segundo caminho foi desde a mãe ao mundo; e este chama-se o da humildade...»¹¹

Esta linha de pensamento, de facto, entronca na tradição agostiniana. Vários são os textos de Sto. Agostinho sobre a pobreza, no entanto destacaremos aqueles que mais significativamente se articulam com a posição defendida por Sto. António:

«Considera-se que sobre o governo das coisas temporais de certo modo te fala Deus, teu pai: «Ó filho, porque é que todos os dias te colocas diante de mim? Oras e ajoelhas-te e bates no pavimento com a fronte, choras às vezes e dizes-me: «Meu pai, meu Deus, dá-me riquezas...

Porque as pediste, recebeste-as. Agora obra bem com elas. Antes de as teres, eras humilde. Começaste a ser rico e então desprezaste os pobres... Dei-tas, e submeti-te a uma prova. Conseguiste riquezas e então descobriste o que eras. Porque eras um desconhecido quando não as tinhas...

Que grande coisa é essa riqueza que me pedes, diz-te o teu Deus? Não vez a quem foram dadas? Se fosse um grande bem essa riqueza que me pedes tê-la-ia um pérfido? Tê-la-ia o infame farsante? Tê-la-ia a torpe meretriz? Teriam ouro todos esses se o ouro fosse uma grande coisa? Mas tu dizes-me:

¹¹ *Ibid.* 158.

então não é bom o ouro? Certamente que o ouro é bom. Mas os maus fazem coisas más com o ouro bom, embora os bons façam coisas com o ouro bom. E já vê a quem o ouro prejudica. Pede-me coisas melhores. Pede-me coisas espirituais. Pede-me a mim mesmo... Ouvi-me ó pobres! Que coisa não tendes se tendes a Deus? Ouvi-me ó ricos! Que coisa tendes se não tendes a Deus»¹².

«Sejamos pobres e então seremos saciados. Muitos que se fiam no mundo e são soberbos, são simultaneamente cristãos. Adoram a Cristo, mas não são saciados, porque estão já saturados e abundam na sua soberba... Adoram a Cristo, veneram a Cristo, suplicam a Cristo, mas não ficam satisfeitos com a sua sabedoria e a sua justiça. Por quê? Porque não são pobres. Os pobres, os humildes de coração quanta mais fome têm, tanto mais comem; tanto mais comem quanto mais estão vazios do mundo; o que já está cheio rejeita o que lhe vais dar, porque já está cheio.

Dá-me gente que tenha fome, dá-me gente da qual se diga: «Bem aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados». E serão esses pobres a que agora se destinaria o salmo: «E os pobres dele saciarei com pães.»¹³

«O pobre de Deus é-o na alma não no fardel. Adianta-se às vezes um homem que tem cheia a casa, férteis as terras, muitas arcas com muito ouro e prata; sabe-se que não há que confiar nisso; humilha-se diante de Deus, e emprega bem o seu esforço; de tal modo se levanta o seu coração a Deus, que sabe que não lhe aproveitam nada essas riquezas; estorvam-lhe os pés, se não administrar bem e se não der esmolas.

Esse está entre os pobres que se saciam de pães.

Encontras outro mendigo, inchado — ou talvez não inchado porque carece de tudo — mas que procura motivo para estar inchado. Deus não olha ao ter, mas à codícia, e vê que o mendigo anseia por coisas temporais, e julga segundo a codícia não segundo os haveres que não lhe foi possível conseguir...»¹⁴

Em Sto. Agostinho a posição face à pobreza é ligeiramente diferente da que encontramos em Sto. António. Vivendo numa época em que o problema da instalação e da riqueza da Igreja não era ainda candente, Sto. Agostinho encara a questão de forma

¹² AUGUSTINUS, *Serm.* 311, 14, 13 ss. Retirado da obra de ERICH PRZYWARA, *San Augustin, perfil humano y religioso*, Madrid 1984, 389/397,

¹³ AUGUSTINUS, *in Ps.* 131, 24.

¹⁴ AUGUSTINUS, *in Ps.* 131, 26.

simultaneamente mais desprendida e mais elevada. O fundamental para o bispo de Hipona não são os bens materiais em si mas antes a atitude moral que preside à sua administração ou à sua carência. A questão social surge aqui esbatida pela predominância da temática estritamente espiritual. No entanto, podemos considerar que, tal como os textos no-lo mostram à evidência, quer em Sto. Agostinho, quer em Sto. António a pobreza só adquire dimensão espiritual se submissa ao espírito de caridade e de humildade.

De forma mais radical viveu Francisco de Assis a dama Pobreza. Tomás de Celano, seu biógrafo, dá-nos conta de algumas passagens da vida do santo que disso são testemunha:

«Pai dos pobres, pobre também ele e com todos os pobres identificado, não podia Francisco suportar sem dor ver alguém mais pobre do que ele, não por vanglória, mas por íntima compaixão; e conquanto usasse apenas uma só túnica, mísera e áspera, muitas vezes a desejou repartir com algum necessitado.

Movido de grande afecto e piedade, e querendo este pobre riquíssimo socorrer de alguma maneira os pobres no tempo de maior frio, pedia aos ricos do mundo lhe dessem mantas e outros agasalhos. Se estes os entregavam com maior entusiasmo do que ele empregava em lhes pedir declarava: «*Aceito, mas com uma condição: não penseis mais em reavê-los.*» E com o coração a transbordar de contentamento cobria o primeiro pobre que encontrava pelo caminho.

Nada lhe causava mais pena do que ver insultar um infeliz ou amaldiçoar quem quer que fosse. Um dia, ouviu um irmão fazer esta insinuação a um mendigo que pedia esmola: «Não sejas para aí um rico disfarçado!» Quando isto ouviu o pai dos pobres doeu-se profundamente e, repreendendo com severidade o irmão que tal havia dito, ordenou-lhe que se desnudasse diante do pobre, lhe beijasse os pés e lhe pedisse perdão. Costumava dizer: «Quem maltrata um pobre ofende a Cristo, de quem o pobre é imagem visível. Foi por nós que ele se fez pobre neste mundo.» Era frequente, por isso, quando via algum pobre carregando lenha ou outros pesos, tomar ele próprio a carga em seus débeis ombros, para o ajudar.»¹⁵

¹⁵ TOMÁS DE CELANO, *Vida Primeira*, 76, in *S. Francisco de Assis — Fontes Franciscanas escritos biográficos e documentos*, Braga, ed. Franciscana, 1982.

Numa outra passagem Tomás de Celano conta-nos um episódio onde Francisco de Assis revela uma sensibilidade talvez pouco compatível com a sabedoria agostiniana:

«Num outro dia de pregação, apareceu no convento onde Francisco se encontrava um pobrezinho doente, a pedir socorro. Compadecido do seu duplo infortúnio, ou seja, da miséria e da enfermidade, pôs-se a discorrer com o companheiro acerca da pobreza.

E quando já a compaixão pelo infeliz se transformava em ternura do coração, o companheiro interrompeu-o: «Sim, irmão, é pobre, mas talvez não haja em toda a redondeza nenhum outro que seja mais ambicioso.»

Imediatamente o repreendeu o Santo e, confessada a culpa impôs-lhe «Tira já o hábito e ajoelha-te aos pés do pobre confessando o teu pecado. E não basta que lhe peças perdão; hás-de pedir-lhe também que reze por ti.»¹⁶

A pobreza para S. Francisco de Assis é pois um misto de ascese e de caminho místico que conduz a um envolvimento passivo com todas as oriaturas onde se leiam sinais de abandono, sofrimento ou marginalização social. Essa compaixão infinita, imagem da relação de Cristo com os homens assume no Poverello uma dimensão tal que chega a ultrapassar os limites determinados pela sabedoria humana.

Se o caminho de libertação através da pobreza não é indissociável da prática da caridade e da humildade, podemos contudo dizer que toda a opção evangélica de Francisco só pode ser entendida à luz do exercício concreto e pessoal da pobreza, isto é, do total desprendimento e desnudamento dos bens materiais.

Não foi por acaso que Sto. António abraçou o ideal franciscano.

Na época em que frequentou o mosteiro de Sta. Cruz, o espírito agostiniano traduzido na *regra* era atraído pela vida devassa e imoral dos cônegos regrantes¹⁷, pouco compatível com um temperamento exigente e sequioso de justiça e de observância dos ideais evangélicos. No entanto, pode-se dizer que ao ingressar na ordem franciscana Fernando Bulhões, provavelmente já ordenado sacerdote¹⁸, já formara em seu espírito os ideais

¹⁶ Ibid., *Vida Segunda*, 85, in Ibid.

¹⁷ Cf. CAEIRO, *Santo António*, 98, 99, 100.

¹⁸ Cf. F. GAMA CAEIRO, *A ordenação sacerdotal do Santo*, Braga 1965, particularmente 16, 18.

que a situação concreta de cônego regrante não permitia concretizar e que a visita dos primeiros franciscanos a Portugal reacenderia de esperanças.

Intimamente ligado ao seu novo Mestre na opção de uma vida errante e despojada, conduzindo se necessário ao martírio, Sto. António revelaria enquanto frade menor uma sensibilidade muito pessoal no que se refere à justiça social, ao espírito de caridade e sobretudo de humildade.

1.2. A IGREJA E A POBREZA

A opção de Santo António pela pobreza não se limita contudo a uma tomada de posição pessoal. Ela assume um tom universalista, quase profético, bem patente na seguinte passagem:

«A Igreja marcada com a pobreza do seu Esposo, no meio de uma nação má e perversa, que se lhe aproxima com o nome não com o nome, com o corpo não com a mente, clama ao Senhor pedindo a liberdade da opressão duma nação má; e o misericordioso Senhor, quando limpar a eira e reunir o trigo no celeiro e queimar as palhas da riqueza, libertá-lo-á, e humilhará até aos infernos a nação perversa e pecadora, que se diz Igreja e é sinagoga de Satanás. Portanto, ó Igreja pobrezinha, convulsionada pela tempestade, sem consolação, alguma, descarrega sobre o Senhor os teus cuidados, porque ele te sustentará.»¹⁹

Contudo também aqui o pensamento do Santo está longe de ser um decalque da mística franciscana. Um texto de Celano define claramente o modo como S. Francisco entendia a articulação entre o ideal de pobreza, a sua prática dentro da ordem e a relação com a Igreja:

«Dirigiu-se então o homem de Deus a Roma e foi recebido com grande devoção pelo senhor papa Gregório e por todos os cardeais. E razão tinham para assim o venerarem: precedia-o a fama da santidade que pregava com a sua vida e palavras. Pregou diante do Papa e dos Cardeais sem preparação mas com resolução e fervor, falando da abundância do coração, como o Espírito lhe inspirava. A sua palavra comoveram-se tão altas colinas e, prorrompendo em

¹⁹ *Obras Completas*, 167.

profundos suspiros arrancados às entranhas, com lágrimas levaram as suas almas.

Terminado finalmente o discurso, e após breves instantes de cordial colóquio com o Papa, expôs-lhe o que pretendia: «Como sabeis, Senhor, não nos é fácil, aos pequenos e pobres, chegar até junto de tão soberana majestade. Tendes o mundo inteiro em vossas mãos e as enormes responsabilidades que sobre vós pesam não vos deixam tempo para coisas de somenos importância. Por isso, eu vos suplico, Santidade, que hajais por bem conceder-nos como papa o Senhor de Óstia, aqui presente. Assim, permanecendo inalienáveis os vossos direitos e dignidade, a todo o momento poderão os irmãos dirigir-se a ele em tempo de necessidade e dele receber o benefício do seu amparo e orientação».

Agradou ao Papa tão santa súplica e, tal como tinha desejado o varão de Deus, imediatamente confiou a Ordem ao senhor Hugolino, que era à data, o bispo de Óstia. Tomou o santo cardeal à sua guarda o rebanho que lhe era confiado, fez-se pai solícito do mesmo e foi seu pastor e guia até à sua ditosa morte.

A esta peculiar submissão é que deve a Ordem dos Menores o amor e as singulares atenções que a Santa Igreja Romana não cesse de lhe testemunhar»²⁰.

Poder-se-ia dizer que S. Francisco nunca foi movido por um ideal de reforma da Igreja. A sua prática é paradoxalmente uma prática integrada e marginal. Integrada pois as decisões fundamentais da vida da ordem eram submetidas à benção papal evitando deste modo qualquer atitude herética. Marginal porque o franciscanismo nunca se confundiu com as estruturas eclesásticas, demarcando sempre nitidamente a especificidade da sua mensagem de qualquer outro carisma ou prática eclesial.

Na passagem acima referida a posição de Santo António é parecida apenas na aparência. De facto, o Santo dirige-se à «Igreja pobrezinha» que tanto poderá ser a formulação de um ideal não concretizado, como uma profecia dirigida a toda a Igreja (comunidade dos crentes), como os dois simultaneamente. Contudo o que não é claro é a referência à ordem franciscana, ela sim, que já pusera em prática esse mesmo ideal e dentro da própria Igreja.

²⁰ TOMAŞ DE CELANO, *Vida Segunda*, 25, in *S. Francisco*.

2. OS PRELADOS

2.1. A PALAVRA E A VIDA

O prólogo do sermão centra-se na questão da relação entre a vida e a pregação dos prelados. Duma forma directa e contundente Santo António insurge-se contra os falsos prelados cuja vida não corresponde à palavra pregada:

«O Senhor dá ventre estéril aos prelados e pregadores perversos. Visto que o seu espírito não engravida com a graça do Espírito Santo, permanece estéril de boas obras, sem filhos, e desta forma os seus úberes, isto é, a ciência de ambos os Testamentos, por eles pregada é seca e infrutuosa. (...)

Manjedoura que no latim tem o sentido de coisa rodeada por uma sebe significa a assembleia dos fiéis protegidos pelo Senhor com a sebe da fé. Esta manjedoura está vazia, porque os bois, simbolizando os prelados, não possuem vida em relação com a prelatura; mas se possuem a fortaleza das boas obras em relação com a excelência da dignidade, sem dúvida alguma há searas, que são as operações de virtudes, na assembleia de fiéis.»²¹

Não podemos deixar de entrever nesta passagem o reflexo da experiência já referido de Santo António em Santa Cruz de Coimbra. António Cruz no seu trabalho sobre este mosteiro a ela fez referência: «Foi na verdade um período deveras agitado e altamente prejudicial para o canónico, aquele em que o seu governo andou confiado o D. João César (...) Coincidiu com boa parte desse período de desgoverno a estadia de Fernando de Bulhões em Santa Cruz, uma vez que o Santo viveu em Coimbra de 1209 a 1220 quer dizer: durante a época da sua permanência na canónica, Santo António foi sujeito a uma dura experiência de indisciplina e alguma torpeza de par com a edificante lição dos Mestres que recebia no claustro. Ainda lembrado, por certo, da vida sem regra — a expressão aqui adquire o seu verdadeiro sentido — para que tendiam aqueles cónegos que eram mais apegados aos vícios do mundo do que inclinados ao exercício da virtude, vida essa que tão funda repercussão havia de ter no seu íntimo, a ponto de lhe definir

²¹ *Obras Completas*, 155/156.

novos rumos, Santo António, mais tarde, sentir-se-ia inclinado a confessar, por certo ainda repassado de amargura:

capit plures diabolus per malum exemplum
preaelatorum, quem caeterorum.»²²

Este excerto do sermão dá-nos bem conta da alta dimensão pragmática da obra sermonária do Santo. Embora o nível hermenêutico seja uma componente dominante na construção dos sermões, Sto. António aponta como finalidade última da pregação a actuação moralizante:

«O pregador, portanto, deve tirar dos úberes o leite da narrativa, para dele poder tirar a manteiga suavíssima da moralidade. (...) Por isso, deve-se olhar mais à moralidade que informa os costumes, do que à fé, pois a fé, por graças de Deus, encontra-se em toda a terra»²³;

2.2. O PASTOR

Na primeira e segunda cláusulas Santo António define o perfil humano e espiritual do prelado justo:

«O prelado, conhece diligentemente o aspecto de teu rebanho, isto é, do teu súbdito, se tem na frente o Tau da paixão do Senhor, recebido no Baptismo, ou então, se raspou e escreveu por cima o sinal da besta. E considera os teus rebanhos, não suceda que algum infeccionado com a doença da heresia ou do cisma mate os outros.»²⁴

«O Espírito do Senhor, ou seja, o prelado espiritual, é levado sobre as águas. Simbolizam estas os povos. De facto, a vida do pastor dista tanto da vida do rebanho, como a vida do prelado deve distar da vida do súbdito. Donde Ezequiel: *Via-se uma semelhança de firmamento sobre as cabeças dos animais, como o aspecto de cristal horrível, estendido pela parte superior por cima das suas cabeças.* O firmamento é o prelado, no qual deve existir o sol da vida pura, a lua da doutrina a iluminar a noite do exílio, e as estrelas de boa fama, cuja vida deve ser como o aspecto de cristal horrível. O cristal designa a constância do espírito e a brandura de mansi-

²² A. CRUZ, *Santa Cruz de Coimbra na Cultura Portuguesa da Idade Média*, Porto 1964, 188; cf. SOUSA VITERBO, *O Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Anotações e documentos*, 2.ª ed., Coimbra 1914.

²³ *Obras Completas*, 156.

²⁴ *Ibid.*, 162/163.

dão; o horrível, a severidade da correcção. O prelado deve ser constante e brando, severo e horrível quando as circunstâncias o exigem; e desta maneira será levado sobre as águas e sobre as cabeças dos animais, que são os súbditos. Deve estender-se sobre eles, a fim de os proteger e defender.»²⁵

O prelado deve ser, acima de tudo, pastor. Mas, e isso será o mais importante, é o pastor que vela pelo seu rebanho sem com ele se confundir. A distância que o separa do seu rebanho permite-lhe conhecê-lo, iluminá-lo e conduzi-lo. Também aqui nos parece que o pensamento de Santo António não se desvia dos quadros mentais agostinianos.

A dimensão pastoral é fundamental no agostinismo. Aliás a tarefa de evangelização e orientação espiritual dos fiéis era fundamental entre os deveres dos cônegos regrantes²⁶. A esse respeito F. Petit exprime-se sugestivamente: «les moines sont des religieux qui se sont faits prêtres pour être plus religieux tandis les chanoines sont des pêtres qui sont faits religieux pour être plus prêtres»²⁷. E note-se que será precisamente esse estatuto de cônego regrante que permitirá ao pastor ser pastor sem se confundir com o rebanho, isto é, a assembleia dos fiéis.

²⁵ *Obras Completas*, 169.

²⁶ F. GAMA CAEIRO, *Santo António de Lisboa*, 103 escreve este respeito: «A vida nas comunidades dos cônegos regrantes tinha bastantes semelhanças com a dos monges, sobretudo do séc. XII para cá, mas aquelas apresentavam uma característica própria que as diferenciava bastante: tinham muitas vezes a seu cargo, como acima vimos, a *cura animarum*, que implicava o serviço de uma igreja, nos primeiros tempos constituído, principalmente, pelo *cursus* da missa e do ofício divino executado em proveito do povo cristão. Quando tinham tal encargo, os cônegos podiam evidentemente pregar aos que frequentavam a sua igreja, mas faziam-no localmente, perante os fiéis que acorriam às cerimónias litúrgicas. Para usar da fórmula repetida por D. François Vandenbroucke, os cônegos, tal como o faziam os monges, falavam *a Deus* e falavam os mesmos *de Deus*, mas sem a orientação ou a decisão apostólica de caminhar ao encontro das almas, onde quer se encontrassem, como depois o fizeram as ordens mendicantes, Franciscanos e Dominicanos. Era uma pregação de alcance territorial e pessoal limitado, cómoda, sem riscos de qualquer natureza; o cura das almas era um pastor de rebanho, certo, mais pároco do que apóstolo.»

²⁷ Citado por CAEIRO, *Ordenação sacerdotal*, 13.

Diferente a este respeito é a atitude de Francisco de Assis:

«Quería ele que os seus filhos vivessem em paz com todos os homens e diante de todos se apagassem como meninos. Mas era em relação aos clérigos que ele, pela palavra e pelo exemplo, mais inculcava nos seus a humildade.

«Nós — repetia — fomos enviados em auxílio do clero para salvar as almas, e o que ele não conseguir fazer teremos de o fazer nós. Cada qual receberá a recompensa em conformidade, não com a sua autoridade, mas com o seu trabalho. Sabei, irmãos, que o bem das almas é muito mais agradável a Deus, e que melhor ele se alcança pela colaboração em paz com o clero do que pela discórdia. Se eles impedirem que o povo seja salvo, é a Deus que está reservado o direito de punir, e o castigo chegará na hora própria. Sede pois submissos aos prelados e assim evitaremos da vossa parte a emulação e o despeito. Se fordes filhos de paz ganhareis para o Senhor o povo e o clero. E será isto mais agradável a Deus do que atrair e ganhar o povo, escandalizando o clero.»

E concluía: «Dissimulai as suas quedas, supri as suas muitas faltas e quando isto houverdes feito, mais humildes sereis.»²⁸

S. Francisco não só não assume qualquer situação de prelatura como aconselha os seus irmãos a uma sábia submissão ao clero. Considerado patriarca por aqueles a quem tratava por mães ou filhos a sua atitude, recusando qualquer forma de distanciação, era de uma total identificação com os restantes irmãos menores.

3. UM TEMA ESPECIFICAMENTE ANTONIANO

Seria redutor considerarmos que o pensamento de Sto. António se esgotou nas múltiplas influências que sofreu, que assimilou, e das quais a agostiniana e franciscana foram já aqui referidas. De facto, além de uma vida respigada de acontecimentos irrepetíveis, o Santo legou-nos pensamentos que pela sua originalidade o colocam num lugar insubstituível na tradição cristã.

²⁸ TOMAS DE CELANO, *Vida Segunda*, 146, in *Francisco*.

É possível neste sermão entrever uma das sínteses mais importantes do Santo português:

«Repara nas três palavras: Vales, jardins e cedros. Os vales selvosos designam o espírito humilhado; os jardins que se regam, a compunção das lágrimas; os cedros a contemplação superior dos bens. Portanto, os tabernáculos de Jacob e as tendas de Israel são a milícia do homem activo e do contemplativo; estes tabernáculos fixou-os o Senhor, porque os dispôs segundo o seu beneplácito. Por isso, no Êxodo foi dito a Moisés: *Olha e faz segundo o exemplar que te foi mostrado no monte*. O monte assim chamado por não ter movimento, é Cristo: O qual não se deixou levar pelo conselho dos ímpios, etc. O exemplar é a sua vida, segundo a qual devem fixar-se e construir-se os nossos tabernáculos. Tabernáculos e tendas são a mesma coisa e significam o mesmo. Chama-se tenda, por se estender por meio de cordas e estacas, e desta maneira surgem os tabernáculos ou o pavilhão. Os tabernáculos do homem activo e do contemplativo possuem a formosura dos vales selvosos, por consistirem na humildade do espírito, que oferece protecção contra o ardor dos vícios. *E como jardins junto dos rios que os regam, porque reagem os seus corações por meio da compunção das lágrimas. E como cedros junto das águas, porque foram plantados de raiz na altura da contemplação, no odor da vida santa, na abundância do rio que alegra a cidade de Deus.*»²⁹

Humildade, compunção e contemplação definem um itinerário de ascensão da alma para Deus. Diríamos que o Santo esboça desta forma um caminho particular de santificação inconfundível com qualquer daqueles rasgados anteriormente pelos autores que lhe serviram de mestres ou guias.

Este pensamento, aliás, surge metamorfoseado do longo da obra sermonária de Sto. António. Uma das passagens onde ele se revela com toda a força simbólica e figurativa da escrita antoniana é o final do sermão do décimo primeiro domingo depois de pentecostes:

«E para nos exprimir esta inclinação, chamava-se porta do Vale a determinada porta de Jerusalém. Dela escreve Neemias: *Sai de noite pela porta do Vale e por diante da fonte da Dragão e junto da porta da Esterqueira e considerava os*

²⁹ *Obras Completas*, 174/175.

muros de Jerusalém deitados abaixo, e as suas portas consumidas pelo fogo. E dali passei à porta da fonte e ao aqueduto do rei, e não havia lugar para passar o cavalo em que ia montado; e voltando cheguei à porta do Vale e recolhi-me.

A porta do Vale é o nosso ingresso no mundo. Por ela entramos para vê-la. E a fonte do Dragão é a fonte das lágrimas. A porta da Esterqueira é a penitência, por meio da qual se tira o esterco dos pecados. E então se contempla o arrasamento do muro espiritual, feito pelo pecado. As portas queimadas são os sentimentos corrompidos pelo pecado. A porta da fonte é a contemplação, para a qual se passa depois de feita penitência. O aqueduto é a alma do contemplativo, por onde correm as águas das inteligências espirituais. O cavalo, que não tinha lugar, é o corpo. O seu peso precipita o homem do alto da contemplação, porque *o corpo, que se corrompe agrava a alma*. E, por isso, tem de recolher-se à porta do Vale, porque se deve preservar na humildade. Dela diz o Eclesiástico: *Sopraei contra ti na ira do meu furor, e te entregarei às mãos de homens insensatos e que fabricam a morte. Servirás de pasto ao fogo*. E em Judite: *Ele enviará fogo e vermes sobre as suas carnes, para arderem e sentirem eternamente...* Portanto, *humilha profundamente o teu espírito, porque a oração do que se humilha, na frase do Eclesiástico, penetrará as nuvens, então se consolará*, quer dizer, o seu coração não se consolará, *enquanto se não aproximar*. Daí o dizer Orígenes que vale mais um santo a orar do que inúmeros pecadores a pelejar. Se, de facto, a oração do Santo penetra o céu, como, não há-de subjugar na terra o inimigo? Sto. Agostinho: *É grande a virtude da oração pura. Ela entra até junto de Deus como se fora uma pessoa e realiza a sua incumbência. Ali a carne não pode chegar. E S. Gregório: Verdadeira oração é soltar gemidos amargos e compungidos, não proferir palavras. Humilha, portanto, o teu espírito, porque todo o que se humilha será exaltado*. Donde o Eclesiástico: *Levantou-se da humilhação e exaltou a sua cabeça da tributação, e maravilham-se dele muitos*. Rogamos-te, portanto, Senhor Jesus Cristo, que imprimas em nós o selo da tua humildade, no tempo da última necessidade nos ponhas à tua direita. Auxilia-nos tu, que és bendito pelos séculos dos séculos. Assim seja.»³⁰

— Nos últimos anos uma dúvida tem sido colocada aos estudiosos de Sto. António: os sermões terão sido escritos em

Itália como sempre foi aceite, ou foram escritos ainda em Portugal em Sta. Cruz de Coimbra?

Este pequeno texto não pretende ter a ousadia de esclarecer a questão. O *corpus* analisado é demasiado restrito (um sermão) e o tema das relações entre franciscanismo e augustinismo³¹ no pensamento do Santo desenha-se muito mais vasto do que aqui foi tratado.

No entanto, podemos retirar algumas breves conclusões.

Primeiro, a formulação do ideal de pobreza em Sto. António aproxima-se mais do que já Sto. Agostinho tinha escrito sobre o tema do que das novas perspectivas franciscanas.

Segundo, quando Sto. António fala para ou sobre a Igreja o tom é demasiado profético, universalista e vago para se poder definir uma noção clara e precisa da inserção de uma prática evangélica tão específica como a franciscana.

Terceiro, o pensamento do Santo no que se refere à própria prática evangélica parece adequar-se mais à mentalidade pastoral dos cônegos regrantes do que à vida errante e despojada dos primeiros franciscanos.

Em suma, esta leitura do sermão do nono domingo depois de pentecoste deixa a dúvida em aberto remetendo talvez, para trabalhos posteriores.

JOSE ACACIO CASTRO

³¹ É interessante notar que na época essas relações foram conflituosas, e a elas não foi alheia concerteza a vida do Santo. A Bula «Et si necessit» do papa Gregório IX de 31 de Maio de 1233 fala-nos a este respeito: «... Soubemos, e não podemos lembrá-lo sem amargura que o Prior e os Cônegos de Santa Cruz de Coimbra olhando com loucura a Cruz e a vida dos justos, perseguem com impiedade os Franciscanos, Nossos amados Filhos, que combatem a heresia e consolam frequentemente a Santa Igreja com a sua vida, insigne pelas práticas piedosas a que se dedicavam e aprovada com muitos milagres, e não lhes consentem viver na Igreja e Convento da vila de Leiria, para que a relaxação desses cônegos não esteja em flagrante contraste com os costumes imaculados dos Franciscanos e para que o fervor religioso destes fique escurecido pela conduta altamente repreensível dos Cônegos, os quais tiveram a ousadia de excomungar *de facto*, pois *de jure* não o podiam fazer, os Franciscanos, os seus benfeitores e os fiéis que concorrem a exercícios piedosos para ouvir os seus sermões». Citado por FRANCISCO LEITE FARIA, O.F.M. cap., *Os Primeiros Franciscanos em Portugal in Colóquio Antoniano*, Lisboa 1982.